

# Os negros que dão certo: mercado de trabalho, mobilidade e desigualdades ocupacionais\*

Nadya Araujo Castro\*\*  
Vanda Sampaio de Sá Barreto\*\*\*

*Em um mercado de trabalho majoritariamente composto de negros, qual a possibilidade de os integrantes desse segmento alcançarem posições ocupacionais socialmente valorizadas?*

Neste texto discutimos o tema das desigualdades no mercado de trabalho a partir de um ângulo especial: o do acesso de negros (pretos e pardos) a ocupações valorizadas do trabalho industrial moderno (veja nota 1, ao final do texto).

Partiremos de uma situação empírica particular, a da intensa industrialização recentemente ocorrida na Bahia. Estudos anteriores ressaltaram essas transformações estruturais seja por seu principal resultado material, a implantação do mais importante complexo petroquímico brasileiro, seja pelas mudanças no campo simbólico, expressas nas novas representações sociais sobre o tra-

balho, que passaram a valorizar as carreiras técnicas, instrumentos de mobilidade individual (Guimarães & Castro, 1988 e 1990; Castro, 1990; Guimarães & Agier, 1991; Agier & Castro, 1989; Guimarães, 1993).

Nossos estudos indicaram, entretanto, que continuavam sendo fortes as desigualdades raciais no mercado de trabalho baiano, em que pese: o significado demográfico do contingente negro na população e na força de trabalho; o intenso crescimento das oportunidades ocupacionais na indústria entre os anos 50 e 70; a importância das mobilizações político-culturais de negros, e a ampla veiculação social dos símbolos étnicos

\* Este texto é uma versão revista da comunicação apresentada no XVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa e Ciências Sociais (Caxambu, 20-23/10/1992). Agradecemos à Secretaria do Trabalho e Ação Social do Estado da Bahia pela cessão dos dados da *Pesquisa de Emprego e Desemprego*.

\*\* Doutora em Sociologia. Professora do Departamento e Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Bahia.

\*\*\* Socióloga. Pesquisadora associada ao Mestrado em Sociologia da UFBA através do projeto Ford/UFBA, *A Cor da Bahia*.

que essas mobilizações têm em mente preservar (Bairros, Barreto & Castro, 1992).

Pretendemos aqui dar seqüência às nossas indagações, discutindo a possibilidade de constituição de trajetórias ascensionais entre trabalhadores negros em uma sociedade fortemente marcada pela seletividade racial no acesso às oportunidades ocupacionais, como é o caso da Bahia.

A análise se sustenta em uma ampla base de dados, reunida a partir de 24 *surveys* mensais realizados na Região Metropolitana de Salvador, entre outubro de 1987 e setembro de 1989, através da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Pesquisa domiciliar, a PED teve como informantes os indivíduos, e objetivou originalmente captar as tendências conjunturais do emprego e do desemprego (2).

Estruturamos o texto em duas partes. Na primeira, analisamos a estrutura setorial do emprego e a estrutura das ocupações, de modo a indicar tanto a magnitude e o alcance da desigualdade racial quanto as suas formas particulares de expressão. Na segunda, caracterizamos as diferenciadas oportunidades ocupacionais abertas pela indústria aos grupos raciais, aprofundando o caso da petroquímica; indagamos sobre as variáveis que, interagindo com a condição racial, favoreceriam (ou dificultariam) essa ascensão, tais como gênero e escolaridade, além de características do próprio contexto profissional. Finalizamos essa parte selecionando, para observação, um grupo de casos, composto pelo subconjunto dos indivíduos que lograram alcançar ocupações socialmente valorizadas no âmbito da moderna indústria petroquímica.

Assim construída, a exposição dos resultados pretende evidenciar as sucessivas barreiras que se antepõem aos negros no mercado de trabalho, barreiras essas, tanto mais ponderáveis quanto mais seletivos e competitivos os espaços

sociais por elas demarcados. Iniciamos pelo espaço de disputa da mera ocupação (qualquer que seja); passamos, em seguida, ao âmbito mais seletivo do trabalho industrial. Neste, observamos um ramo da chamada "indústria de ponta", para, por fim, examinarmos algumas ocupações industriais que se constituem em alvos de mobilidade para diferentes grupos na sociedade local. Ao fazê-lo, queremos iluminar tanto as barreiras – crescentemente seletivas – quanto as características daqueles negros que as ultrapassam.

### **Desigualdades ocupacionais e raciais em Salvador**

A Região Metropolitana de Salvador – RMS – experimentou, nas duas últimas décadas, um processo de intensa reconversão da sua base produtiva. Por força da nova estrutura industrial implantada – fundada na produção de bens intermediários, principalmente petroquímicos – o Estado da Bahia apresentou, entre os anos 80 e 90, o segundo maior crescimento real do PIB entre todos os estados brasileiros (SEPLANTEC/CEI, 1991), inferior somente ao Estado do Paraná (127,95 e 132,65%, respectivamente).

Esse processo alterou não apenas o perfil da mão-de-obra industrial, mas se propagou por outros setores da atividade econômica, na esteira dos seus efeitos indiretos. Entretanto, foram mantidas, quando não ampliadas, as desigualdades preexistentes no mercado de trabalho. Salvador continua a se destacar nacionalmente por suas altas taxas de desemprego, pelos elevados índices de subemprego e de trabalho irregular, comparativamente às demais regiões metropolitanas do país.

Portanto, qualquer análise das desigualdades raciais no acesso à ocupação deve ter por referência, mesmo que a traços largos, a estrutura desse merca-

do de trabalho, cujo perfil resulta da dinâmica de dois segmentos, opostos mas conviventes: a indústria e serviços modernos, por um lado, e o trabalho informal, por outro.

Focalizando a estrutura setorial do emprego, vê-se que Comércio, Indústria de Transformação e Serviços absorvem juntos cerca de 80% do emprego total (Tabela 1). É, todavia, no setor Serviços que se encontra o maior contingente de trabalhadores da Região Metropolitana de Salvador (49%). A importância da atividade industrial transcende, em muito, o emprego por ela diretamente gerado (12%); ao interior da indústria equivalem os ocupados na produção de bens intermediários (voltada para consumo nacional e internacional) e os empregados nos ramos direcionados à produção local de bens finais.

É interessante observar que a Construção Civil, habitualmente tida como grande repositório de mão-de-obra, absorve apenas 8% dos ocupados na RMS, valor inferior, inclusive, ao do Emprego Doméstico (9%)(3).

**Tabela 1**  
**Taxas de Ocupação Segundo Setor de Atividade**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989** Em %

Setor	Taxa de Ocupação	Taxa Acum.	Taxa Masc.
Serviços	48,8	48,8	54,1
Comércio	18,9	67,6	59,4
Indústria	12,4	80,0	81,2
Construção Civil	7,6	96,7	94,7
Serviços Domésticos	9,1	89,1	7,2
Agrícola/Pecuário	2,0	98,7	77,8
Outros	1,2	100	61,5

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador. Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb. apud: Fagundes, 1992.

**Nota:** Os setores estão hierarquizados pelas categorias da PED, segundo seu peso relativo no total de ocupados.

A participação dos grupos de gênero nessa estrutura ocupacional mostra-se equilibrada, ao menos quando observamos aqueles setores numericamente mais importantes (Serviços e Comércio); neles, há um leve predomínio masculino. A Indústria de Transformação e a Construção Civil são, entretanto, âmbitos tão pouco permeáveis ao trabalho feminino quanto o Serviço Doméstico parece ser para o de homens.

Todavia, é destacável a elevada participação dos trabalhadores ocupados no setor informal; eles alcançam mais que um quarto do total do emprego metropolitano (Tabela 2) (4).

**Tabela 2**  
**Ocupação no Mercado Informal Segundo Setor de Atividade**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989** Em %

Setor	Taxa de Informalização	Taxa de Ocupação Não-Registrada
Emprego Doméstico	100,0	87,0
Agropecuário	83,2	71,0
Outras Atividades	53,9	66,5
Comércio	48,9	45,5
Construção Civil	44,4	43,5
Serviços	29,6	33,6
Ind. de Transformação	8,2	13,6

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador. Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb. apud: Fagundes, 1992.

Na composição desse mercado informal, os diferentes grupos raciais e de gênero participam com pesos próprios. Assim, o mercado informal absorve um pouco mais de mulheres do que de homens (56 contra 44%). Entretanto, ele inclui de modo muito particular os diferentes segmentos raciais: compõe-se de 88% de negros (48% de pretos, 40% de pardos), contra apenas 12% de brancos. No caso dos pretos, sua participação no

trabalho informal (48%) é superior ao seu peso, tanto na PEA – População Economicamente Ativa (43%) quanto nos ocupados (42,6%); o contrário verifica-se com os brancos (12% do informal, 16% da PEA e 16,6% dos ocupados). Já os pardos mantêm, no informal, participação próxima àquela que apresentam na PEA (41%) e nos ocupados (40,8%). Observando-se sob o prisma da composição interna de cada grupo racial, vemos que, enquanto apenas 17% dos brancos estão em atividades no setor informal, *quase metade dos negros ali trabalham* (42% dos pretos e 41% dos pardos).

O significado social desses resultados é tanto mais eloqüente quanto mais se tenha em mente que Salvador é a principal metrópole negra do Brasil. De fato, a população branca é ali minoritária, qualquer que seja a fonte do levantamento e, conseqüentemente, o critério para determinação da cor. É, pois, de pretos e pardos, estes em proporção ligeiramente superior, que se compõe a grande maioria da sua população (81%).

Os negros (pretos e pardos) são também a grande maioria da população economicamente ativa. E não apenas pelo seu peso no total da população, mas porque suas taxas de participação no mercado de trabalho são bastante superiores às dos brancos (Bairros, Barreto & Castro, 1992). Também entre os ocupados eles constituem a maioria, representando 83% deles. Por isso mesmo, torna-se conveniente indicar como os pretos e os pardos se posicionam no mercado de trabalho *vis à vis* aos brancos (5).

O traço mais evidente é a existência de espaços ocupacionais diferenciados segundo a condição racial do trabalhador. Assim, enquanto algumas ocupações são “típicas” de negros, outras são redutos de brancos (Tabelas 3 e 4).

Podem ser considerados “espaços brancos” as ocupações hierarquicamente superiores do Legislativo, do Executivo e do Judiciário, as direções de empresas

**Tabela 3**  
**Composição Ocupacional por Grupo Racial, Segundo Setor de Atividade**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989** Em %

Grupos Ocupacionais	Branco	Pardos	Pretos
Científico/Técnico	21,5	9,7	5,3
Direção Superior	10,4	3,7	1,3
Serv. Administr.	18,6	13,4	8,6
Comércio	15,8	16,2	15,4
Serviços	16,5	29,5	26,2
Agropecuário	0,5	1,8	2,6
Prod. Industrial	15,9	25,1	39,9
Outros	0,8	0,6	0,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador. Convênio SETHAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb.

(diretorias e gerências) e a condição de proprietário. Apesar de seu peso na população, apenas 1% dos pretos e 4% dos pardos pertencem ao grupo “Direção Superior”, que congrega essas ocupações (Tabela 3). Por isso mesmo os brancos ocupam 45% dos postos de trabalho, os pardos 39%, restando aos pretos apenas 1,5% dos mesmos (Tabela 4).

**Tabela 4**  
**Composição Racial, Segundo Grupos Ocupacionais**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989** Em %

Grupos Ocupacionais	Branco	Pardos	Pretos
Científico/Técnico	36,5	40,3	23,2
Direção Superior	45,5	39,4	15,1
Serv. Administr.	25,3	44,5	30,2
Comércio	16,7	41,8	41,5
Serviços	10,6	46,3	43,1
Agropecuário	4,1	39,0	56,9
Prod. Industrial	8,9	34,2	56,9
Outros	19,7	37,6	42,7
<b>Total</b>	<b>16,7</b>	<b>40,7</b>	<b>42,6</b>

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador. Convênio SETHAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb.

Embora em menor escala, o conjunto das atividades profissionais científicas e técnicas se caracteriza como outro "espaço branco". Ali, brancos e pardos ocupam, juntos, aproximadamente 77% das oportunidades de trabalho, mas, conquanto 22% dos brancos obtenham nele a sua ocupação, apenas 10% dos pardos e 5% dos pretos ali trabalham.

Inversamente, vamos encontrar grupos ocupacionais que são praticamente "exclusivos" dos negros. É o caso daqueles formados pelas ocupações da Produção Industrial e pelas ocupações do Serviço – como vimos, dois dos mais densos grupos no mercado de trabalho.

ção de materiais; fabricação, instalação e manutenção de produtos industriais etc., as quais envolvem o dispêndio de esforço físico. Os negros, quando muito, assumem funções de supervisão, ou desempenham tarefas nos serviços.

A segunda diferença na inserção dos grupos raciais é que, para os brancos, o leque ocupacional é mais amplo. Eles se movem desde as ocupações mais exigentes do ponto de vista da capacitação – e que expressam relações dominantes de poder – até aquelas menos qualificadas. Isso pode ser observado ao se comparar as hierarquias dos grupos ocupacionais, formadas segundo

**Tabela 5**  
**Hierarquias Ocupacionais por Cor**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989**

Setor	Branco		Setor	Pardos		Setor	Pretos	
	Taxa Ocupação	Taxa Acum.		Taxa Ocupação	Taxa Acum.		Taxa Ocupação	Taxa Acum.
Científico/Técnico	21,5	21,5	Serviços	29,5	29,5	Prod. Industrial	39,9	39,9
Serv. Administr.	18,6	40,1	Prod. Industrial	25,1	54,6	Serviços	26,2	66,1
Serviços	16,5	56,6	Comércio	16,2	70,8	Comércio	15,4	81,5
Indústria	15,9	72,5	Serv. Administr.	13,4	84,2	Serv. Administr.	8,6	90,1
Comércio	15,8	88,3	Científico/Técnico	9,7	93,9	Científico/Técnico	5,3	95,4
Direção Superior	10,4	98,7	Direção Superior	3,7	97,6	Agropecuário	2,6	98,0
Outros	0,8	100	Outros	0,6	100	Outros	0,7	100

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador.  
Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb

**Nota:** Os setores estão hierarquizados pelas categorias da PED, segundo seu peso relativo no total de ocupados.

O da Produção Industrial compõe-se de 57% de trabalhadores pretos e 34% pardos, contra apenas de 9% brancos.

Esses dados revelam, de imediato, a primeira grande diferença na inserção de negros e brancos. O espaço "cativo" destes últimos caracteriza-se por ser formado por ocupações de comando, que expressam poder e, em alguns casos, revelam a posse de meios de produção. Diferentemente do "espaço negro", que se localiza nas atividades manuais da produção, como tratamento e transforma-

sua importância na absorção de trabalhadores dos diferentes segmentos raciais (Tabela 5).

Assim, as ocupações da Produção Industrial e dos Serviços aglutinam ao redor de 60% dos negros (nada menos que 66% dos pretos e 55% dos pardos). Já as ocupações de natureza científico-técnica e os Serviços Administrativos agrupam 40% dos brancos.

Entretanto, o caráter excludente do mercado de trabalho também se revela quando analisamos as ocupações segun-

do o seu nível de qualificação e tipo de inserção produtiva. Ao fazê-lo, constatamos que o trabalho manual é domínio dos negros, enquanto que as atividades técnicas e as de direção (ou propriedade) são domínio dos brancos (Tabela 6).

**Tabela 6**  
**Ocupação e Qualificação por Cor**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989** Em %

Ocupação Qualificação	Branco	Pardos	Pretos
Oc. Manuais	22,5	40,7	50,8
Oc. Não-Manuais	37,3	37,0	32,6
Oc. Técnicas	23,2	10,8	6,1
Oc. Direção	12,1	4,6	1,9
Oc. Def. Seg.	0,4	0,6	0,8
Religiosa	0,1	0	0
Oc. Mal. Def.	3,6	5,7	7,1
Sem Declaração	0,8	0,5	0,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador. Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBa/MTb.

Mas não param aí as desigualdades; elas se revelam internamente às categorias. Nas Ocupações Técnicas, os brancos exercem predominantemente atividades que supõem escolaridade superior, enquanto os pretos e pardos assumem as tarefas que requerem quando muito o nível médio (Tabela 7). Aqui novamente se destaca a especificidade dos

**Tabela 7**  
**Ocupações Técnicas por Cor e Sexo, Segundo Nível de Escolaridade**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989** Em %

Nível de Escolaridade	Branco		Pardos		Pretos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Nível Médio	45,9	49,6	66	65,3	76,2	74,2
Nível Superior	54,1	50,4	34	34,7	23,8	25,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador. Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBa/MTb

padrões de gênero ao interior de cada grupo racial. Assim, conquanto os pretos exerçam preponderantemente ocupações técnicas de nível médio, o peso das ocupações de nível superior entre as mulheres pretas é maior do que entre os homens pretos.

No âmbito das Ocupações Manuais, no entanto, ocorre uma situação inusitada: minimizam-se as diferenças entre os grupos raciais. Isto, porque é marcante a importância das atividades não-qualificadas, **para todos**, inclusive para os brancos (Tabela 8). É como se ali, onde as relações de subordinação e hierarquia têm menos importância, a diferença de condição racial cedesse lugar à proximidade social entre subalternos.

Por outro lado, é elucidativa a análise da composição interna da categoria ocupacional de Dirigentes e Proprietários (Tabela 9). Conquanto apenas 1% dos pretos e 4% dos pardos se incluam nessa categoria, ainda assim reproduzem-se as desigualdades: entre brancos e pardos as posições superiores de mando (gerência e direção) são mais ponderáveis; para os pretos, a possibilidade de exercício de funções de chefia concentra-se nos escalões intermediários.

É entretanto destacável o elevado percentual de pretos (homens e mulheres) na condição de proprietários (6). Assim também, é interessante notar que, em todos os grupos raciais, é relativamente menor o percentual de mulheres proprietárias, enquanto elas são mais fre-

**Tabela 8**  
**Distribuição das Ocupações Manuais por Cor e Sexo, Segundo Tipo de Qualificação**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989**

Em %

Tipo	Branços		Pardos		Pretos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Não Qualificado	24,3	68,7	30,1	83,9	35,5	89,9
Semi-Qualificado	36,4	6,4	32,4	4,0	26,8	2,7
Qualificado	39,3	24,9	37,4	12,0	37,9	7,4

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador.  
 Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb

**Tabela 9**  
**Ocupações de Direção por Cor e Sexo, Segundo Funções**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989**

Em %

Funções	Branços		Pardos		Pretos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Chefes Intermediários	14,6	12,6	19,9	22,5	26,2	26,0
Gerentes	30,6	32,9	27,8	28,7	18,5	21,9
Direção	6,0	14,1	7,8	8,7	4,1	7,3
Proprietário	48,8	40,3	44,4	40,0	51,2	44,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador.  
 Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb

qüentes no exercício de funções de chefia (intermediária ou superior).

Para melhor verificar esses resultados, elaboramos um segundo agrupamento das ocupações, considerando a escolaridade exigida e o nível hierárquico (7). Entendemos que a conjunção dessas características poderia ser um bom indicador do prestígio associado aos grupos de ocupações. Dessa forma, construímos três categorias – Alto, Médio e Baixo Prestígio. Assim reagregados, os dados revelaram com mais força a desigualdade na inserção ocupacional de pretos, pardos e brancos.

A maioria dos indivíduos amostrados se concentra na categoria de Médio Prestígio (Tabela 10). Todavia, acabam aí as similitudes. Por um lado, porque apenas entre os brancos têm importância relativa as ocupações de alto prestígio

(24%, contra 8% entre os pardos e 3% entre os pretos). Por outro, apenas para os não-brancos tornam-se ponderáveis as ocupações de baixo prestígio (37% entre os pretos e 27% entre os pardos).

Pode-se afirmar, então, que aos negros – e mais particularmente aos pretos –, estão reservadas as atividades de menor prestígio na escala social. É certo que uma pequena parcela deles alcança ocupações que podem se inserir entre aquelas de alto prestígio. Quais barreiras o mercado lhes coloca? Nas análises subsequentes procuraremos especificar melhor quem são esses trabalhadores e quais são esses espaços socialmente valorizados que os absorvem. A análise procurará captar essas particularidades, tendo em conta a indústria, particularmente a petroquímica, tanto pelo que este setor representa na economia baia-

**Tabela 10**  
**Ocupações em Grupos de Prestígio por Cor, Segundo Categorias Funcionais**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989**

Prestígio/Ocupação	Em %		
	Branco	Pardos	Pretos
<b>Alto Prestígio</b>	<b>24,5</b>	<b>8,5</b>	<b>3,3</b>
Proprietário	5,7	2,0	0,9
Direção	1,0	0,4	0,1
Gerência	3,8	1,3	0,2
Chefia Intermediária	1,7	1,0	0,5
Ocupação Técnico Nível Universitário	12,3	3,8	1,6
<b>Médio Prestígio</b>	<b>62,6</b>	<b>65,4</b>	<b>59,5</b>
Ocupação Técnico Não-Manual	11,2	7,1	4,7
Ocupação Manual Qualificada	7,8	11,3	13,0
Ocupação Manual Semi-Qualificada	5,8	8,7	8,7
Ocupação Não-Manual	37,8	37,4	33,1
<b>Baixo Prestígio</b>	<b>12,9</b>	<b>27,0</b>	<b>37,2</b>
Ocupação Manual Não Qualificada	9,2	21,3	30,0
Ocupação Mal Definidas	3,7	5,7	7,2

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego, Região Metropolitana de Salvador.  
 Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/JFBA/MTb

na quanto por seu caráter de símbolo maior da ascensão profissional.

### Os negros na indústria

A moderna indústria de bens intermediários que se implantou na Bahia entre os anos 50 e 70 fez da Região Metropolitana de Salvador um dos principais pólos de crescimento industrial no Brasil (8).

Os novos postos ocupacionais então criados foram importantes canais de mobilidade social. Mas, até onde eles se constituíram em um campo aberto à incursão dos diferentes grupos raciais? Ou, no mundo heterogêneo da atividade industrial, foram todos os ramos do setor secundário igualmente permeáveis ao ingresso individual, independentemente da condição racial dos que se ofereciam? Em um mercado de trabalho majoritariamente composto por negros, qual a probabilidade de os mesmos alcançarem posições ocupacionais socialmente valorizadas – como o trabalho técnico, qualificado, da indústria moderna?

Para entendermos os percursos “racialmente informados” da mobilidade individual, analisaremos inicialmente a permeabilidade da indústria à incorporação de negros. Em seguida, selecionaremos aquele setor que melhor encarna a modernidade, tal como o valorizado na região – a petroquímica – procurando responder à mesma indagação anterior. Finalmente, dentro da petroquímica, mais uma vez faremos a indagação focalizando algumas ocupações, selecionadas por sua importância enquanto alvos da mobilidade de distintos segmentos sociais: os operadores de processo, os trabalhadores não-manuais de escritório e os engenheiros.

Representando 84% da força de trabalho que se apresentava no mercado baiano, os negros (pretos e pardos) formavam, entre 1987 e 1989, 83% dos ocupados na indústria local. Isto configura uma situação bastante diversa daquela descrita por Hasenbalg (1991) a propósito do caso paulista. Ali, os negros, retidos na atividade agrícola, só chegaram a se apresentar no mercado urbano de trabalho quando o crescimento industrial já havia sido deflagrado. Por isso mesmo,

obrigaram-se a disputar as franjas criadas seja pela mobilidade ascensional dos migrantes europeus, seja pela regulamentação institucional do mercado, voltada para beneficiar os nacionais (9).

Dessa forma, a proletarização tardia dos negros foi entendida como um dos importantes elementos explicativos tanto da sua exclusão inicial quanto da sua posterior inclusão subalterna e discriminada no mundo urbano industrial do Sudeste.

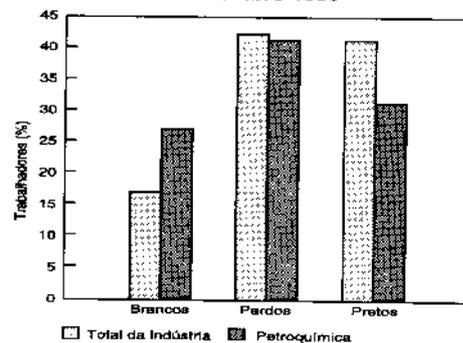
No caso baiano, a primeira metade do século XX é usualmente caracterizada pela estagnação da economia industrial que florescera nos meados do século XIX. Os grandes investimentos estatais na indústria do petróleo (anos 50) e posteriores políticas de desconcentração industrial, via incentivos fiscais e financeiros (anos 60 e 70), foram os responsáveis pela reversão de um enigmático quadro de estagnação local, por muitos caracterizado como de "involução industrial", predominante até os anos 40 do presente século (Tavares, 1962; Almeida, 1977).

Assim sendo, quando o recente crescimento industrial se deflagrou na região, já se havia consolidado um mercado urbano de trabalho, respondendo à vocação comercial e financeira da ex-capital colonial. Nele, os negros não apenas já se faziam presentes como eram, de longe, majoritários. Logo, cabe a pergunta: quais os resultados da divisão dessas novas oportunidades ocupacionais, pelos distintos grupos sociais?

Nossos dados sugerem que o mundo da indústria moderna emergente parece ser mais permeável aos brancos que o da indústria tradicional (Figura 1).

Assim, enquanto os negros constituem 83,5% do conjunto da indústria, na petroquímica a sua participação, embora permanecendo amplamente majoritária, cai nada menos que dez pontos percentuais (72,7%); os brancos, ao contrário, alcançam ali quase 30% dos ocupados (contra 16% na média da indústria).

**Figura 1**  
**Participação Racial na Indústria**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Dezembro 1987-Setembro 1989**



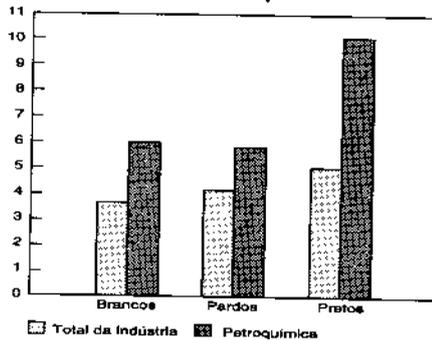
**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego Região Metropolitana de Salvador Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb

Por outro lado, vemos que são também significativas as diferenças observadas entre pretos e pardos: enquanto no conjunto da indústria a participação de ambos é equivalente (41,5% e 42%, respectivamente), o mesmo não acontece na petroquímica. Ali os pardos são ligeiramente superiores à sua própria média, ao tempo em que os pretos reduzem sua participação a pouco mais que um terço (37,3%). Isto sugere a existência de uma vantagem comparativa de pardos *vis-à-vis* aos pretos.

Se focalizarmos a composição, por sexo, dos diferentes grupos raciais veremos que, outra vez, a realidade dos pretos na indústria moderna não apenas se distingue da média da indústria como novamente **os distingue** dos pardos e brancos.

As razões de masculinidade representadas no Gráfico 2 indicam que, se a petroquímica é um mundo menos afeito à presença feminina que a média da indústria, para as pretas este é um campo profissional de acesso ainda mais difícil. E isto não se deve apenas ao fato de que a legislação do trabalho de turno penaliza a participação de mulheres nesse ramo de atividade; se assim o fosse, os dados

**Figura 2**  
**Razões de Masculinidade por Cor**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Média da Indústria e Petroquímica**



**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego Região Metropolitana de Salvador Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/Mtb

evidenciariam uma redução do peso do emprego feminino entre **todos** os grupos raciais. Diferentemente disto, os dados apontam para a presença muito desigual de mulheres, conforme a sua cor: enquanto brancas e pardas participam de modo equivalente na petroquímica, perfazendo 14% dos seus respectivos grupos raciais, apenas 9% dos pretos que logram penetrar na moderna indústria são de sexo feminino (10).

Esses achados apontam para a necessidade de se explorar o comportamento de outras variáveis que, além de indicarem o alcance das desigualdades ocupacionais entre brancos e negros na indústria, permitam entender melhor as importantes diferenciações existentes ao interior dos grupos raciais subordinados.

Um primeiro grupo dessas variáveis diz respeito ao contexto (ou à situação) profissional do trabalhador, vale dizer, à sua posição na ocupação, ao porte do estabelecimento onde está ocupado e ao grau de formalização da relação de trabalho que nele se estabelece.

Como seria esperado, a indústria baiana apresenta-se como um mundo marcado pela elevada formalização das relações de trabalho: 93% dos que ali se

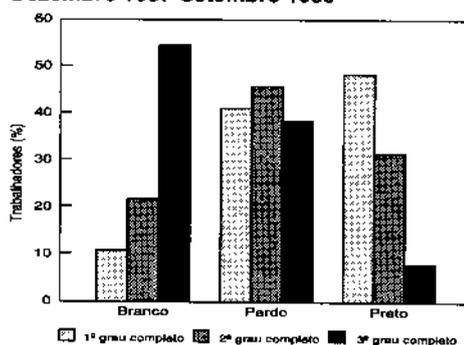
ocupam são assalariados e 89,6% dos ocupados têm carteira de trabalho assinada. Isto reflete o perfil da industrialização recente, que consagrou o peso dos grandes estabelecimentos (11). A importância da experiência de trabalho em organizações formais e complexas propaga-se hoje por todos os grupos raciais: cerca de 90% dos trabalhadores industriais são assalariados, têm carteira assinada, e perto da metade se emprega em empresas de médio ou grande porte.

Vê-se, assim, que se trata de um espaço social bastante distinto daquele em que se move o "grosso" dos que estão ocupados no mercado local. Isso faz da indústria um âmbito profissionalmente seletivo, inclusive em termos raciais. Essa seletividade se expressa com mais força no acesso aos estabelecimentos de grande porte, com mais que 500 empregados. Enquanto quatro em cada 10 brancos ali se empregam, apenas três não-brancos logram fazê-lo.

Entretanto, a desigualdade atinge diferenciadamente os não-brancos. Em cada 10 empresários industriais, apenas dois são pretos, contra quatro brancos e quatro pardos. Outras pequenas indicações dessa vantagem comparativa dos pardos são visíveis quando observamos as categorias de excluídos. Conquanto residuais, elas também se fazem presentes no mundo industrial e revelam: que os pretos formam, na indústria, perto de 50% dos que trabalham sem remuneração, na condição de ajudantes de familiares (contra um quinto de brancos e um terço de pardos); que 13, em cada 100 deles, não têm carteira assinada (contra oito brancos e nove pardos). Essas evidências parecem apontar para o fato de que, se os negros distinguem-se dos brancos, eles são diferenciados também internamente (conforme sejam pretos ou pardos) por sua posição social.

A escolarização é uma das mais importantes barreiras à mobilidade individual. Na Figura 3 evidencia-se a diferença significativa entre os níveis de escola-

**Figura 3**  
**Cor e Escolaridade na Indústria**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Dezembro 1987-Setembro 1989**

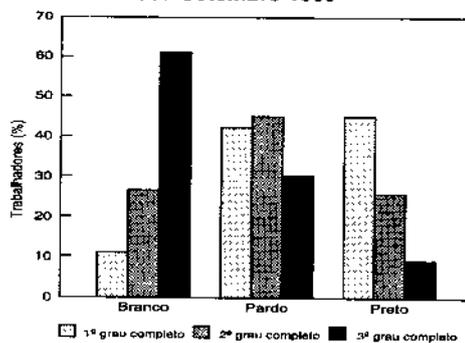


**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego Região Metropolitana de Salvador Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/Mtb

ridade alcançados por brancos e negros ocupados na indústria (12).

A comparação entre as Figuras 3 e 4 reitera que essa seletividade racial é ainda maior na petroquímica que no conjunto da indústria. Ou seja, os negros (pretos e pardos) que ali ingressam não apenas são em número relativamente menor, mas apresentam um padrão de escolaridade diverso daquele da indús-

**Figura 4**  
**Cor e Escolaridade na Petroquímica**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Dezembro 1987-Setembro 1989**



**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego Região Metropolitana de Salvador Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/Mtb

tria. Entre os mais escolarizados, há proporcionalmente menos trabalhadores pretos com apenas o primeiro e mesmo o segundo graus completos, enquanto se mantém a proporção dos que têm curso superior concluído. Por outro lado, é relativamente maior, na petroquímica, o peso dos que não dispõem sequer da escolarização elementar completa.

Tudo leva a crer, então, que estejamos face a um efeito de polarização, do qual resultam duas tendências. Por um lado, verifica-se a absorção de um contingente precariamente escolarizado nas funções desqualificadas; pardos e pretos formam o celeiro principal do recrutamento desse contingente. Por outro, dos poucos pretos que têm acesso às funções socialmente mais valorizadas demanda-se um capital escolar ainda maior.

Essa necessidade de ultrapassar barreiras mais elevadas de exigência – tendo ainda a escolaridade como mecanismo de seleção social – é mais clara entre as mulheres negras do que entre os homens negros.

Sabemos que as mulheres apresentam níveis de escolarização mais elevados que os homens (no conjunto da população, na PEA, na indústria etc.). Considerando essas diferenças, comparamos as médias de escolarização alcançadas por mulheres e homens de cada um dos grupos raciais, na indústria e na petroquímica.

Verificamos, então, que a escolaridade das trabalhadoras industriais pretas é sensivelmente maior que a escolaridade média das mulheres na indústria. E não apenas isto: essa diferença é muito mais elevada do que a encontrada para as brancas ou para as pardas. Isso nos leva a supor que, para se inserirem nos contextos industriais almejados socialmente, as mulheres pretas necessitam ultrapassar barreiras ainda mais exigentes. Estão, assim, sujeitas à maior seletividade não apenas por comparação aos homens, *como também face às demais mulheres – brancas e pardas.*

Na petroquímica esse achado se expressa de modo ainda mais contundente, sendo maior o esforço requerido das mulheres negras para ingresso no trabalho assalariado moderno. Assim, por exemplo, enquanto a média de trabalhadores pretos com terceiro grau, na petroquímica, é de 5,7%, entre as mulheres, pretas essa média é três vezes maior, alcançando 14,8%.

Uma pergunta, então, se coloca: todo esse esforço para ingresso em setor e ramo tão fortemente seletivos em termos sociais e raciais, para onde os(as) leva? Em que atividades são absorvidos(as)?

Tomamos, então, os dados relativos a algumas ocupações selecionadas na petroquímica, e procuramos caracterizar melhor até onde chegam esses negros que dão certo. As profissões escolhidas foram: operadores de processo, trabalhadores administrativos e de escritório, e engenheiros. Para controle, acrescentamos os serventes (13).

Observa-se que, embora ingressando em um mundo fortemente valorizado em termos sociais, como é o caso da petroquímica, as formas de acesso manifestas por esses 243 indivíduos permanecem bastante desiguais (Tabela 11). Entre os pretos e pardos o trabalho subordinado da operação foi o caminho que os levou a ocupações valorizadas. É significativo que mesmo o trabalho (subordinado) de escritório tenha sido espaço pouco permeável aos que apresentam,

como os pretos, marcas raciais mais evidentes. Isto confirma o achado de Sandoval (1991). Histórias de vida colhidas entre trabalhadores paulistas apontaram a dificuldade dos negros qualificados para os serviços de escritório, de interagir com os altos escalões de chefias. A diferença racial produzia constrangimentos aos dirigentes brancos.

Mas são as situações em que as barreiras de cor e de classe se fundem – como é o caso dos engenheiros –, que permitem visualizar com maior clareza os limites de acesso. Perto de 60% dos brancos em funções socialmente valorizadas são engenheiros, contra apenas 7% dos negros. No extremo oposto, encontramos os serventes: pretos e pardos (equitativamente distribuídos) formam nada menos que 90% deles, contra 10% de brancos.

Desafia ainda, a análise, uma última pergunta, que a continuidade da nossa pesquisa buscará responder: quem são os indivíduos que ingressam nessas rotas de mobilidade? Que características especiais os fazem ultrapassar barreiras que excluem a quase totalidade dos que lhes são racialmente afins?

Um dos elementos explicativos parece ser o ganho de escolarização. Barreira, para a grande maioria, a sobreescolaridade parece funcionar como uma estratégia de contorno para grupos socialmente discriminados.

Em outra oportunidade (Castro & Guimarães, 1993), foi possível tratar

**Tabela 11**  
**Ocupações Selecionadas, por Cor**  
**Região Metropolitana de Salvador**  
**Outubro 1987-Setembro 1989**

Ocupações	Em %					
	Pretos		Pardos		Brancos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Serventes	15	10	10	14	4	2
Operadores	27	0	40	0	13	0
Auxiliares Administração e Escritório	3	1	12	5	6	6
Engenheiros	1	1	7	2	31	33
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>12</b>	<b>69</b>	<b>21</b>	<b>54</b>	<b>41</b>

**FONTE:** Pesquisa de Emprego e Desemprego. Região Metropolitana de Salvador.  
Convênio SETRAB/DIEESE/SEADE/UFBA/MTb

mais detidamente essa questão, comparando as condições racial, de gênero e de escolaridade (na indústria como um conjunto e na petroquímica em especial). Via-se, então, uma associação estatisticamente significativa entre graus completos e condição racial. Assim, embora majoritários na força de trabalho industrial, os homens pretos eram muito pouco escolarizados (14). O mesmo não acontecia com os homens brancos (15).

Já quando se observava o contingente feminino, destacavam-se os ganhos de escolaridade. Estes eram tão significativos entre as mulheres brancas que a sua distribuição, segundo graus completos, tinha uma feição bastante equilibrada se comparada aos demais grupos. O mesmo não se podia concluir, entretanto, quando observada a distribuição daquelas que completaram o terceiro grau em cada grupo racial: em cada 100 mulheres, apenas seis pardas e uma preta logravam fazê-lo, contra 23 brancas.

O acesso ao ensino superior mostrou-se, então, um bom indicador da confluência entre as diferenças étnicas e de classe. Assim, a análise revelava que, muito embora as estratégias femininas maximizassem a escolarização, só as mulheres brancas alcançavam, em proporção considerável, o diploma universitário. De qualquer sorte, eram visíveis os ganhos relativos de escolarização do conjunto das mulheres ocupadas na indústria, especialmente quando nos graus mais avançados (Castro & Guimarães, 1993).

Quando observada a petroquímica, esses ganhos tomavam-se ainda mais significativos. A posse de credenciais escolares, preferencialmente bastante elevadas, parecia se constituir em estratégia de inclusão, funcionando como mecanismo de contorno de que lançavam mão as mulheres, em um mundo onde o poder (político, das gerências e direções superiores; ou técnico, dos quadros qualificados) emanava de indivíduos brancos e do sexo masculino (Castro & Guimarães, 1993).

Os ganhos de escolaridade, vistos da perspectiva das posições ocupacionais em que se encontravam as mulheres, pareciam a esses autores, indicativos de uma sobre-escolarização feminina, ou seja, do recurso a um mecanismo compensatório do *despartido* da condição de gênero. A evidência desse argumento é, então, documentada nos ganhos de escolarização ainda maiores entre as mulheres negras ocupadas na petroquímica. Se apenas uma em cada 100 pretas ocupadas na indústria tinha o terceiro grau completo, esta relação cresce nada menos que 14 vezes quando se observa o mesmo contingente nas empresas petroquímicas. Ora, considerando que o leque ocupacional que lhes está aberto neste ramo é sensivelmente *menor* que na média da indústria e considerando, ainda, as barreiras de gênero que lhes são interpostas para acesso a ocupações que requerem grau universitário completo, os autores são levados a crer que a elevação da escolarização funcionaria, nesse caso, de modo ainda mais nítido, como uma sobrecredencial compensatória da dupla discriminação, pela cor e pelo sexo (Castro & Guimarães, 1993).

Estas observações abrem todo um campo importante de reflexão, não apenas para a pesquisa sobre a mobilidade social dos grupos raciais como para o debate sobre as desigualdades e a sua "ultrapassagem" na sociedade brasileira. Longe estamos do momento onde faziam furor as teorias sobre capital humano. Entretanto nossos dados reforçam a urgência de pensarmos a democratização (quantitativa e qualitativa) da educação, como recurso para elevar as chances de acesso de indivíduos discriminados a postos socialmente valorizados no mercado de trabalho.

Sabemos, hoje, que as políticas sociais fundadas na ação afirmativa foram um dos elementos decisivos para diminuir, nas últimas décadas, o fosso das desigualdades raciais nos Estados Unidos. Entre nós, ao contrário, essa foi a época em que mais se ampliaram os indicadores das desigualdades entre grupos de cor, tanto no acesso

ao trabalho e rendimento quanto no usufruto dos demais direitos da cidadania (Andrews, 1992).

A peculiaridade do caso da Região Metropolitana de Salvador é, sem dúvida, um desafio à inteligência política: mesmo ali, onde é mais elevada a proporção de negros (na população total e na força de

trabalho), e onde é mais forte a luta pela equidade entre grupos étnicos, as chances dos negros face às novas oportunidades ocupacionais mostraram-se muito reduzidas na ausência de políticas sociais que diminuíssem as suas desvantagens comparativas no mercado de trabalho.

## Notas

- (1) Ao longo do texto, o termo "negro" será utilizado para referir o grupo dos não-brancos que, nas estatísticas brasileiras, aparece usualmente desagregado nas categorias "pretos" e "pardos". O termo "negro" alude a uma diferença étnico-cultural que mais recentemente tem sido expressa através da categoria "afro-brasileiro" (ou "afro-baiano", no caso dos grupos de cor que analisamos). Já os termos "preto" e "pardo" aludem a diferenças fenotípicas, a mais importante das quais, a cor da pele. Nas análises subseqüentes, preservaremos as duas categorizações: (i) a de "brancos" e "negros", sempre quando quisermos documentar a vantagem relativa da condição branca, como um "capital racial" (Castro & Guimarães, 1993), a qual minimiza diferenças internas aos grupos negros e produz uma linha de descontinuidade entre "brancos" e não-brancos (ao modo de Silva, 1983); (ii) a de "pretos", "pardos" e "brancos", para evidenciar os diferentes padrões de desigualdade e de mobilidade ao interior do grupo "negro". Supomos, neste caso, a existência de um sistema social de classificação que tem no gradiente de diferenciação da cor da pele um dos elementos centrais à produção de desigualdades sociais, racializando-as.
- (2) Frequentemente usada como termômetro da subutilização da força de trabalho, a PED é também uma rica e confiável fonte para outros estudos, pelo rigor adotado tanto na construção do plano amostral quanto na coleta e crítica dos dados. As principais características do levantamento são: domicílio não substituível, entrevista direta a todos os maiores de 10 anos de idade, trabalho de campo em todos os dias da semana e em todos os turnos, planejado conforme as possibilidades do entrevistado, durante 25 dias do mês. No que tange ao quesito cor, os pesquisadores foram particularmente treinados para classificar as categorias raciais na PED, de pretos, pardos e brancos.
- (3) Para uma análise mais detida sobre as características gerais do emprego metropolitano com base nos dados da PED, ver Fagundes, 1992.
- (4) Fagundes (1992), utilizando-se dos dados da PED/RMS, encontrou que as elevadas taxas de informalização e de ocupação não-registrada ocorrem não apenas no Emprego Doméstico e na Agricultura, conforme seria esperado, mas também no Comércio, na Construção Civil e, em menor medida, nos Serviços (notadamente, nos Serviços Pessoais, Outros Serviços de Reparação e Limpeza, de Alimentação e Reparação Mecânica).
- (5) À semelhança de outros autores que têm analisado as desigualdades raciais no mercado de trabalho brasileiro (como Hasenbalg, 1977 e 1983; Oliveira, Porcaro & Araújo, 1977; Silva, 1983), a ênfase recai predominantemente sobre as ocupações. Recorremos a duas categorizações de ocupações: a primeira teve por base a CBO – Classificação Brasileira de Ocupações, à qual aduzimos pequenos ajustes; a segunda adotou o modelo de análise da Fundação SEADE para a PED/São Paulo, que relaciona nível da ocupação com inserção produtiva.
- (6) Este elevado percentual requer, para ser melhor entendido, que se controle o tipo de

- estabelecimento do qual se tem a posse, o que não foi possível no presente trabalho.
- (7) Esta re-categorização foi lograda a partir da análise das ocupações, tal como descritas na classificação da CBO.
- (8) É certo que essa dinâmica local está sendo posta em cheque no bojo da atual crise econômica. Entretanto, é notável que o ritmo desse crescimento tenha se mantido tão intenso até fins dos anos 70 que conseguiu ultrapassar os efeitos da crise econômica nacional do início dos anos 80 (Bairros, Barreto & Castro, 1992).
- (9) De acordo com Hasenbalg (1991, p. 9), nos primeiros anos deste século nada menos que 90% dos postos de trabalho da indústria de São Paulo e do Rio de Janeiro (exclusive Distrito Federal) eram monopolizados por estrangeiros. Nos anos 40, os números, conquanto menores, não deixavam de ser eloqüentes: em São Paulo, apenas 10% dos ocupados na indústria eram negros; destes, sete em cada 10 ainda se mantinham presos ao trabalho agrícola. Mesmo tomando o Distrito Federal, onde a quase totalidade do emprego já se localizava nos mercados urbanos de trabalho, os brancos ocupavam dois terços (67%) dos postos na indústria.
- (10) Já no conjunto da indústria, a participação de mulheres é maior entre as brancas (21,2% do total de trabalhadores brancos) que entre as pardas (18,9%) ou pretas (16,4%).
- (11) Cerca da metade dos indivíduos (47,7%) incluídos nas 24 amostras mensais provinha de estabelecimentos com mais de 100 empregados. Quase um terço da amostra (31,2%) se ocupava em empresas com mais de 500 trabalhadores.
- (12) Isso nos faz crer que as desigualdades de acesso a posições de chefia e comando superior, destacadas no item anterior, resultem também do efeito de interação entre condição racial e escolaridade, dado que os brancos, mais que os pardos e sobretudo que os pretos, alcançam os níveis superiores de ensino.
- (13) A esse nível de desagregação, a PED já não nos permite afirmações generalizáveis. Por isso mesmo utilizamos os dados sobre os casos incluídos nas amostras como meros estímulos para uma reflexão de cunho exploratório. Todavia, é interessante observar que as conclusões aqui obtidas convergem para os resultados de outro estudo mais detalhado (Castro & Guimarães, 1993), no qual foram comparados padrões de mobilidade profissional de negros e brancos, através da análise do universo de funcionários de duas empresas petroquímicas (uma estatal e outra, privada), perfazendo cerca de 1.500 casos.
- (14) Observou-se que oito, em cada 10, ou não haviam logrado completar qualquer grau escolar ou apenas haviam concluído o primeiro grau.
- (15) Perto de seis, em cada 10, tinham pelo menos o segundo grau completo, sendo que dois desses já haviam concluído o terceiro grau.

### Referências bibliográficas

- AGIER, Michel & CASTRO, Nadya Araujo. Et d'ici cinq ans, crier: liberté; projet ouvrier et destins personnels parmi les travailleurs et les leaders syndicaux de la nouvelle industrie de process à Bahia (Brésil). *Biographie et Société/Pratiques Sociales et Travail en Milieu Urbain*. Paris, n. 13/11, p. 3-32, 1989.
- ALMEIDA, Rômulo de. Traços da história econômica da Bahia no último século e meio, *Planejamento*. Salvador, v.5, n.4, out/dez. 1977.
- ANDREWS, George R. Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos: uma comparação estatística. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 22, p. 47-83, set. 1992.
- BAIROS, Luiza, BARRETO, Vanda & CASTRO, Nadya Araujo. Negros e brancos em um mercado de trabalho em mudança. In:

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. *Ciências Sociais Hoje*: 1992. São Paulo: ANPOCS, 1992.
- CASTRO, Nadya Araujo. Operários em construção: a formação da classe operária na fronteira do moderno capitalismo industrial brasileiro. In: S. Larangeira (ed.). *Classes e movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- CASTRO, Nadya Araujo & GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Desigualdades raciais no mercado e nos locais de trabalho. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 24, p. 23-60, jul. 1993.
- FAGUNDES, Emília. Informalidade na Região Metropolitana de Salvador: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, 1992.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Operários e mobilidade social na Bahia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 22, ano 8, p. 81-97, jun. 1993.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio & AGIER, Michel. Identidades em conflito: técnicos e peões na petroquímica da Bahia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, p. 51-68, 1990.
- GUIMARÃES, Antonio S. A. & CASTRO, Nadya Araujo. Espaços regionais de construção da identidade: a classe trabalhadora no Brasil pós-77. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. *Ciências Sociais Hoje*: 1988, São Paulo: ANPOCS/Vértice, 1988.
- \_\_\_\_\_. Classes, regimes fabris e mudança social no nordeste brasileiro. In: VALLADARES, L. V. & PRETECEILLE, E. (eds.). *Reestruturação urbana: tendências e desafios*. Rio de Janeiro: Nobel, 1990. p. 148-167.
- HASENBALG, Carlos. Desigualdades raciais no Brasil. *Dados*, Rio de Janeiro, n. 14, 1977.
- \_\_\_\_\_. 1976: As desigualdades raciais revisitadas. In: SILVA, L. A. M. da et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 179-197. (*Ciências Sociais Hoje*, 2).
- \_\_\_\_\_. *O negro na indústria: proletarianização tardia e desigual*. Apresentado no XV Encontro Anual da ANPOCS, GT Processo de Trabalho e Reivindicações Sociais, Caxambu, 15-18, out. 1991.
- OLIVEIRA, Lúcia H. G., PORCARO, Rosa M. & ARAUJO, Tereza. *O lugar do negro na força de trabalho*. Rio de Janeiro: FIBGE, 1981.
- SEPLANTEC/CEI. *Síntese Executiva*, Salvador, nov. 1991.
- SILVA, Nelson do Valle. Cor e processo de realização socioeconômica. In: SILVA, L. A. M. da et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p. 188-219. (*Ciências Sociais Hoje*, 2).
- TAVARES, Luiz Henrique D. *O problema da involução industrial da Bahia*, Salvador, 1962.

**RESUMO – Os negros que dão certo: mercado de trabalho, mobilidade e desigualdades ocupacionais.** O texto discute as desigualdades raciais na Região Metropolitana de Salvador, estando estruturado em duas partes. A primeira parte analisa a estrutura setorial do emprego e das ocupações, indicando a magnitude e o alcance dessas desigualdades para o conjunto dos empregados; a segunda, mostra as diferenças que estão acontecendo quanto ao acesso de negros e brancos às ocupações valorizadas da indústria petroquímica moderna.

**ABSTRACT – Black that scored right: labor market, mobility and occupational inequalities.** This paper discusses racial inequality in Salvador Metropolitan area. It is

*divided in two parts. 1) an analysis of employment structure by sector and of occupational structure, indicating the magnitude and scope of inequality among workers; 2) a demonstration of differences in the access of black and whites to the most valued occupations in the modern petrochemical industry.*

Recebido para publicação em 15/06/93.  
Aprovado para publicação em 17/09/93.